

GT-6 – Informação, Educação e Trabalho

ISSN 2177-3688

**ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO ICONÓGRAFO COMO MEDIADOR DA INFORMAÇÃO
IMAGÉTICA**

ACTION OF THE ICONOGRAPH LIBRARIAN AS A MEDIATOR OF IMAGES INFORMATION

Karoline Gomes de Sousa – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Maria Giovanna Guedes Farias – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Jefferson Veras Nunes – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Tem como objetivo refletir sobre a atuação do bibliotecário iconógrafo como mediador da informação imagética no campo editorial. Em termos metodológicos, realiza uma revisão de literatura narrativa com buscas no Portal de Periódicos da Capes, na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e no Google Acadêmico, além da consulta a livros físicos. O levantamento bibliográfico teve como diretrizes de rastreamento os seguintes termos pesquisados em português: mediação da informação; informação imagética; iconografia; letramento visual; leitura de imagens. Os resultados demonstram que o domínio da linguagem visual possibilita aos bibliotecários desenvolver habilidades acerca de fontes imagéticas, visando atender a briefings solicitados por editores, bem como acessar outras perspectivas imagéticas da representação informacional. Conclui que a iconografia editorial apresenta aos bibliotecários um panorama favorável para exercer seu papel de mediador da informação imagética, enxergando, na dinâmica editorial, mais um escopo de atuação.

Palavras-chave: bibliotecário iconógrafo; mediação da informação; informação imagética.

Abstract: It aims to reflect on the role of the iconographic librarian as a mediator of image information in the editorial field. In methodological terms, it carries out a narrative literature review with searches on the Capes Journal Portal, the Reference Database of Journal Articles in Information Science (Brapci) and Google Scholar, in addition to consulting physical books. The bibliographic survey had the following terms as tracking guidelines searched in Portuguese: information mediation; image information; iconography; visual literacy; image reading. The results demonstrate that mastery of visual language enables librarians to develop skills regarding image sources, aiming to meet briefings requested by editors, as well as access other image perspectives of informational representation. It concludes that editorial iconography presents librarians with a favorable panorama to exercise their role as mediator of image information, seeing, in editorial dynamics, another scope of action.

Keywords: iconographic librarian; information mediation; image information.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a linguagem imagética é amplamente utilizada no dia a dia por meio de diversas tipologias midiáticas, seja de caráter impresso ou digital. Somos intensivamente rodeados por imagens que, em cada dimensão e especificidade, performam modelos de comunicação.

Segundo Santaella (2015, p. 13), “[...] a imagem não é apenas uma forma de linguagem, mas também se constitui em uma matriz do pensamento e da inteligência humana.” Desse modo, a imagem não se configura apenas como um suporte de registro do conhecimento, mas alcança diretrizes que visam uma de comunicação mais complexa, tendo ainda uma lógica própria que eclode ao universo verbalizado na escrita. Em consonância com esse pensamento, Sardelich (2006, p. 459) atenta que “As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento” sendo uma considerável fonte documental no registro da história da humanidade.

Conforme pondera Meneses (2012, p. 251), “[...] somente no século XIX que a imagem assume com intensidade sua capacidade documental, em especial com a rápida divulgação da fotografia [...]”. A partir dessas circunstâncias, os estudos dos documentalistas Paul Otlet e Suzanne Briet endossaram a expansão do conceito acerca da documentação, seus suportes e tipologias referentes, enfatizando ainda mais a ideia da imagem enquanto documento e, portanto, caracterizando-a como fonte documental.

No campo da Ciência da Informação (CI), a imagem também é compreendida como fonte informacional, assim como delibera Maimone e Tálamo (2008, p. 2), pois “[...] como qualquer outro documento, as imagens são fontes de informação, veículos de comunicação e, assim sendo, permitem geração e complementação de conhecimento”. Nesse ínterim, a imagem se destaca pelo seu viés infocomunicacional que intima preceitos específicos acerca dos desdobramentos do fluxo informacional, para que se alcance exímia relação entre a busca realizada pelo sujeito e a fonte.

Partindo dessa premissa, a Biblioteconomia entende que “[...] o tratamento da informação imagética é essencial para a recuperação da informação já que permite, por intermédio da análise do conteúdo dos documentos, sua representação informacional”

(MAIMONE; TÁLAMO, 2008, p. 5). Assim, percebemos que as imagens atravessam alguns eixos do tratamento informacional, como a representação temática que permite sua posterior recuperação. Nesse contexto, ressaltamos que a informação imagética se configura como nicho de potencial no elenco de atuações para o desempenho da práxis bibliotecária.

Destarte, este estudo tem como objetivo refletir sobre a atuação do bibliotecário iconógrafo como mediador da informação imagética no campo editorial. Em termos metodológicos, a pesquisa configura-se como uma revisão de literatura narrativa, visto que realiza um levantamento de produções científicas sobre a temática específica, com o intuito de identificar as contribuições realizadas para o campo. Rother (2007) defende que a revisão narrativa (RN) possui um caráter mais amplo, permitindo a descrição e a discussão do estado da arte de determinado tema por meio de um ponto de vista teórico e/ou contextual.

A base da RN é a interpretação e análise crítica do autor, admitindo suas inferências subjetivas para busca e seleção do material. Nesse sentido, recorreremos ao método da RN devido à amplitude do tema proposto, realizando a análise e seleção do material de forma não sistematizada, tendo como pretensão fomentar futuros estudos nessa linha. Assim, com base em Carvalho (2019, p. 917), a presente investigação possibilita a apresentação da “[...] análise e a sumarização dos dados advindos das publicações mais relevantes dentro do tópico em estudo, a fim de inspirar novas pesquisas ou reconciliar aquelas existentes”. O cunho qualitativo do estudo está alinhado à Ribeiro (2014, p. 676) por compreender a revisão narrativa (RN) como uma “[...] revisão qualitativa que fornece sínteses narrativas, compreensivas, de informação publicada anteriormente”.

Durante o empreendimento da pesquisa, realizamos buscas no Portal de Periódicos da Capes, na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) e no Google Acadêmico. O levantamento bibliográfico ocorreu no período de 04 de junho a 05 de julho de 2023, tendo como diretrizes de rastreamento os seguintes termos: mediação da informação; informação imagética; iconografia; letramento visual; leitura de imagens. A pesquisa contou ainda com a consulta a livros físicos com a finalidade de complementar e balizar a sua fundamentação.

2 CONTEXTUALIZANDO A ICONOGRAFIA EDITORIAL

A preocupação acerca da interpretação de imagens é esboçada há um tempo considerável nos estudos imagéticos. Segundo Burke (2004, p. 43), “[...] os termos iconografia

e iconologia foram lançados no mundo da história da arte durante as décadas de 1920 e 1930.” Em complemento, Panofsky (1979) explana que a palavra iconografia é derivada do grego, onde *graphein* significa escrever, o que denota ser um processo essencialmente descritivo e até estatístico, de certo modo. Nessa conjuntura, a partir da ótica estabelecida em Eco (1992 *apud* MACÍAS ALÉS, 2019, p. 11), entendemos a iconografia como:

[...] a ciência que estuda a origem das imagens, desde sua relação alegórica e simbólica, bem como sua identificação por meio de atributos quase sempre intrínsecos a elas. O objetivo da iconografia é identificar, classificar e explicar esses objetos a partir do significado de determinadas obras de arte.

A iconografia permite rastrear os códigos inerentes às obras pictóricas – elemento essencial para os estudos de imagens devido ao seu caráter descritivo e analítico. Panofsky (1979) estabeleceu um modelo para análises iconográficas categorizadas em três estágios. O primeiro é definido como análise pré-iconográfica, no qual o leitor irá identificar e descrever minuciosamente todos os elementos que ele distingue na obra, mas ainda de forma parcial, sem muita robustez. O segundo estágio é chamado de análise iconográfica, no qual é possível adentrar um pouco mais nas informações que perpassam esses elementos, de modo a conseguir identificar certos padrões de acordo com seus contextos. O terceiro e último estágio corresponde à análise iconológica, a fase final para que se alcance a interpretação pura da imagem. É somente nela que o leitor perpassa as fibras de uma leitura simplista e consegue, de fato, penetrar no âmago do discurso imagético para, enfim, compreendê-lo.

Em face disso, Souza e Trinchão (2013, p. 134-135) afirmam que o termo iconologia, de origem grega, “[...] vem de “eikon”, imagem e “logia”, de logos, palavra, estudo, pensamento, vindo a denotar o estudo cultural, dos valores simbólicos contidos nas obras.” Assim, a iconologia busca encontrar a concepção e o sentido das imagens (PIFANO, 2010). Evidentemente, é por meio do entrelaçamento de fontes de caráter informacional, documental, cultural e histórico que a iconologia viabiliza uma interpretação imagética profunda, levando em consideração o conhecimento sobre os códigos intrínsecos da imagem para que se compreenda a mensagem manifestada.

Sobre a noção de imagem, ainda no campo da arte, Martine Joly (2008, p. 18) discorre identificando uma ligação extremamente próxima à representação visual. Com isso, a autora elenca: “[...] afrescos, pinturas, mas também iluminuras, ilustrações decorativas, desenho,

gravura, filmes, fotografia e até imagens de síntese” como categorias de imagens. Por esse ângulo, Santaella e Nöth (2008) afirmam que o universo imagético se distingue em dois domínios: o primeiro é contemplado pelas representações visuais, que são imprimidas por meio de um suporte físico, e o segundo compõe as imagens imateriais, que são as reproduções mentais, a exemplo da fantasia e da imaginação.

Atualmente, a iconografia, aqui entendida como uma “representação através de imagens; conjunto de imagens características de uma obra, de um artista, de um tipo ou período artístico” (ICONOGRAFIA, 2023), atravessa, em várias facetas, o mundo do mercado editorial que, muitas vezes, usufrui copiosamente de imagens em suas produções. Com isso, a iconografia utilizada nas obras se torna um apoio a complementar a linguagem textual como forma de representar o conhecimento, transfigurando a informação da linguagem verbal em uma linguagem imagética. Joly (2008, p. 121) atenta ainda ao fato de que

a complementaridade das imagens e das palavras também reside no fato de que se alimentam umas das outras. Não há qualquer necessidade de uma co-presença da imagem e do texto para que o fenômeno exista. As imagens engendram as palavras que engendram as imagens em um movimento sem fim.

Entendemos que há uma diversidade de gêneros imagéticos a serem empregados na iconografia de uma obra pedagógica, a saber: fotografias, obras de arte, ilustrações, tirinhas, charges, cartuns, caricaturas, cartografias, prints, memes, imagens de satélites etc. Nesse sentido, conforme Souza (2014, p. 99) salienta, “[...] é importante destacar que a imagem não pode e não deve ser considerada como mera ilustração, mas sim como um texto com características discursivas próprias, que, no ato da interpretação, complementar o conteúdo no qual ela está inserida”. Posto isso, vislumbramos a iconografia como informação e, portanto, cabível de desempenho das práticas laborais do profissional da Biblioteconomia.

Frente ao amplo repertório de imagens a serem exploradas pelos bibliotecários que atuam no ramo da editoração, em atividades como secretaria editorial; análise e leitura de provas editoriais; gestão de processos; indexação e conferência de terminologia; normalização, entre outros (Farias; Lima; Santos, 2018), consideramos que é significativa a atuação do bibliotecário no mercado editorial visto que, em sua formação, são desenvolvidas habilidades para tratar, organizar e recuperar a informação independentemente do suporte em que se apresenta.

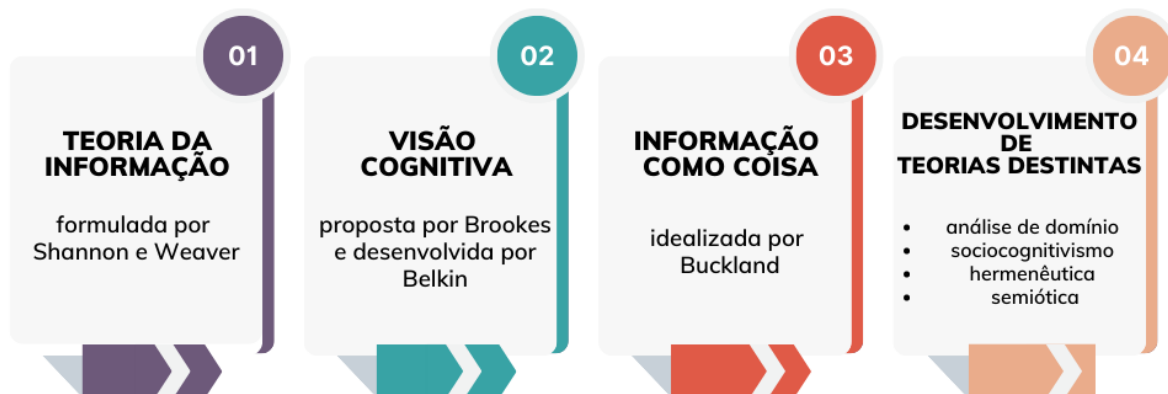
Portanto, compreendemos que a informação imagética, imbuída na iconografia editorial, requer atenção para que seja compreendida como campo da atuação mediadora dos bibliotecários iconógrafos. Para tanto, trazemos, na seção a seguir, reflexões acerca das atividades que permeiam o ambiente laboral desses profissionais, a fim de que possamos explicitar em que parâmetros ocorrem essa mediação.

3 ARTICULAÇÕES SOBRE A IMAGEM E SUA RELAÇÃO COM A INFORMAÇÃO

Partindo do pressuposto que imagem corresponde a um tipo de informação e que, do mesmo modo, alcança vias sociais e culturais de acordo com o contexto histórico, observamos um vínculo substancial que nutre esse elo presente desde o conceito de documentação, no momento em que Paul Otlet e Suzanne Briet incorporam as imagens ao âmbito documental, que, posteriormente, resultaria na informação imagética como produto desse entroncamento.

Joly (2008), ao tratar do discurso sobre a função informativa da imagem, considera as fontes imagéticas como instrumento de conhecimento justamente por fornecer informações, atribuindo-lhes a qualidade de instrumento de expressão e de comunicação. A partir disso, percebemos que existe uma interseção entre a imagem e a informação. Na esteira do desenvolvimento da CI, encontramos diversas conceituações sobre informação, denotando marcos temporais da evolução desse conceito. Não é o intuito desse artigo descrevê-los, pois já há bastante literatura com esse propósito. Entretanto, convém resgatarmos, a partir de Araújo (2014b) e Capurro e Hjørland (2007), quatro estágios percorridos pela CI para ilustrar a busca pelo conceito de informação, como podemos observar na Figura 1.

Figura 1 - Estágios dos conceitos de informação na CI segundo Capurro e Hjørland (2007)



Fonte: Adaptado de Araújo (2014b).

A partir desses modelos estabelecidos na CI, compreendemos que a informação perpassa inicialmente a teoria matemática da comunicação, na qual Shannon e Weaver definem informação como *bits*, abordando seu cunho quantitativo. De acordo com a visão cognitiva, Capurro e Hjørland (2007, p. 190) explicam que Brookes e Belkin "[...] pretendiam definir a informação como fenômeno relativamente específico da CI, entendendo a informação como um estado de conhecimento comunicado e transformado na forma de uma estrutura".

Ainda nesse íterim, o estudo de Capurro e Hjørland aponta que, na visão cognitiva, é aplicada a ontologia de Karl Popper especificada em três mundos: o primeiro é o mundo dos objetos ou estados físicos, o segundo é relativo à consciência ou aos estados psíquicos e, por último, o terceiro engloba conteúdos intelectuais como livros, documentos e teorias científicas. Popper utilizou os termos conhecimento e informação para especificar o terceiro mundo. Em Buckland, no terceiro estágio, alcançamos a retomada das diretrizes da documentação e compreendemos agora o conceito de informação como coisa, trazendo a visão da sua materialidade. No último nível, o conceito é desenvolvido para obter teorias que visam abarcar a informação enquanto sua subjetividade.

Ainda com o intuito de compreender as faces das abordagens da CI para com o objeto da informação, recorreremos a Araújo (2014a), que, por meio de um levantamento robusto da literatura, estabeleceu 3 etapas, conforme mostra a figura a seguir.

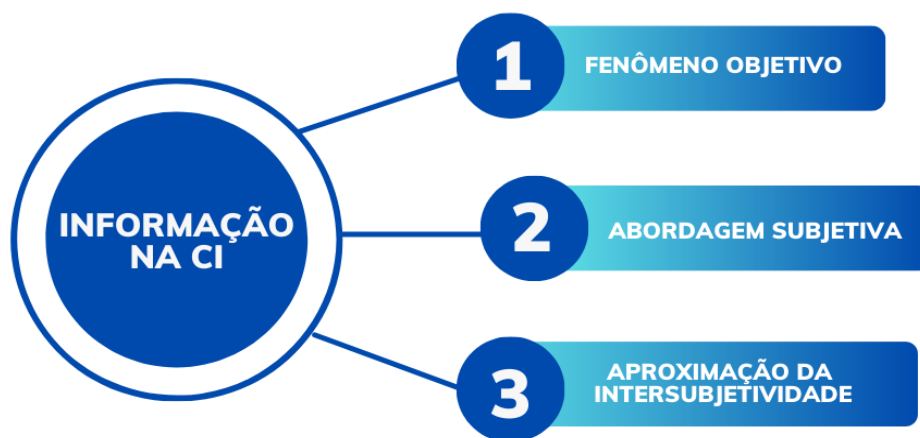


Figura 2 - Abordagens conceituais da informação na Ciência da Informação

Fonte: Adaptado de Araújo (2014a).

No primeiro momento, a informação é compreendida como um fenômeno objetivo conquistado por meio da transferência física e do uso de tecnologias. Em seu segundo nível, a informação é conduzida por uma abordagem subjetiva, a partir do modelo cognitivo que começa a vigorar ao final da década de 1970. É nesse estágio que a CI expressa a informação como produto da cognição do sujeito, no qual possibilita a modificação do conhecimento.

Já a aproximação da intersubjetividade ocorre em último estágio como retrato da contemporaneidade, onde a CI busca direcionar seu olhar para as diversas manifestações da informação. Nesse sentido, Araújo (2014b, p. 24) explana que

a especificidade desta perspectiva foi sublinhada por Capurro (2008) sobre a noção de informação. Para definir informação, o autor remonta aos conceitos gregos de *eidos* (ideia) e *morphé* (forma), significando “dar forma a algo”, que permite a construção de um olhar que se inscreve no âmbito da ação humana sobre o mundo (“in-formar”) e a partir do mundo (se “in-formar”).

Segundo a visão desse autor, a informação é um ato que perpassa a produção, utilização e apropriação dos registros do conhecimento por meio de suportes materiais, ou seja, documentos que permitem o sujeito “in-formar” e se “in-informar”. Com isso, retomamos a ideia de imagem como documento e, por conseguinte, fonte de informação.

Compreendemos, por meio das perspectivas aqui traçadas, que a imagem e a informação se entrelaçam numa construção funcional do exercício de comunicar, o que denota, para além de suas aproximações, a relevância de avançarmos no entendimento da informação imagética de modo a contribuir para os estudos da CI e para as práticas do bibliotecário.

4 O BIBLIOTECÁRIO ICONÓGRAFO E A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO IMAGÉTICA

A informação é considerada o recurso laboral do bibliotecário. Habilitado a trabalhar em diversas unidades informacionais, esse profissional pode e deve incorporar novos nichos de mercado, a exemplo da atuação como iconógrafo ao mediar a informação imagética no contexto do mercado editorial.

Entretanto, convém, discorrer sobre a potência da informação imagética enquanto ferramenta para o bibliotecário. Apesar de não existir um conceito concreto para a definição dessa terminologia na Ciência da Informação, assim como advertem Santos, Alves e Oliveira (2019), o termo é bastante pertinente quando consideramos que a “informação sempre foi e será um recurso básico para o desenvolvimento em qualquer campo do conhecimento e da atividade humana” (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 62) e, como tal, é o cerne que conduz a práxis bibliotecária.

Na pesquisa desenvolvida por Sousa e Pinto (2022), o bibliotecário atua sob as seguintes frentes na iconografia editorial: pesquisa iconográfica em diversos bancos de imagens, organização de acervos iconográficos, solicitação de direitos autorais de imagens de terceiros, normalização de referências, gestão de metadados, indexação de imagens, verificação de fontes de informação, dentre outras que são específicas do campo da Biblioteconomia, como a elaboração de fichas catalográficas e a solicitação de ISBN.

Analisando o universo da iconografia editorial e suas demandas inerentes, compreendemos que, ao se deparar com outras fontes informacionais, para além dos alicerces da linguagem escrita, tais como acervos iconográficos, arquivos digitais de fotografia etc., o bibliotecário iconógrafo enfrenta uma nova conjuntura de atuação dentro do mercado editorial que o exigirá competências específicas, ou seja, a mediação da informação imagética.

Conforme Ribeiro e Almeida Júnior (2022) apontam, o conceito da mediação da informação surge em meados da década de 1990, a partir de um olhar que urgia para o Serviço de Referência e Informação (SRI) e que, portanto, tem, em sua gênese, a biblioteca como pilastra a fundamentar os estudos que versam sobre essa temática. Entretanto, ao passo que o campo avança nesse sentido, percebeu-se que era necessário deslocar o olhar para além do atendimento ao usuário, permitindo, a partir de então, alcançar o *know-how* do bibliotecário em outra esfera, visto que a mediação da informação está presente em todas as ações desenvolvidas por esse profissional, conforme enfatiza Almeida Júnior (2008).

É justamente nesse ponto que ocorre a quebra do paradigma da neutralidade e imparcialidade desse profissional, pois, à medida que se compreende o usuário como sendo também um protagonista da mediação da informação, pensar um cenário onde haja apenas o deslocamento de uma informação estática entre o bibliotecário e o usuário se torna inconcebível. Por isso “o mediador/bibliotecário deve estar preparado, consciente do seu papel e poder de interferência, para elaborar estratégias a fim de ajudar o mediado na apropriação da informação” (FARIAS, 2015, p. 112).

Se é na ação de interferência que a mediação supera a hipertrofia da informação e conduz seu usuário para sanar sua necessidade informacional, a figura do bibliotecário é essencial para que ocorra a mediação da informação em seus vários contextos aplicáveis. Trazendo para a esfera da iconografia editorial, as demandas reclamadas por esse campo de atuação comungam diretamente com as competências do bibliotecário para desempenhar principalmente, dentre outras atividades, a mediação da informação imagética.

Almeida (2008) aponta que, por sua prática fundamentalmente mediadora, os profissionais da informação são necessários para aproximar os usuários às fontes de informação. Com isso, acima de tudo, é preciso que, em sua mediação, o bibliotecário iconógrafo permita, mediante sua ação de interferência, conectar as demandas do editor – seu mediado e usuário – com suas respectivas fontes imagéticas a fim de atendê-lo com satisfação. Ao analisarmos as reflexões de Manini (2016, p. 110), compreendemos que o bibliotecário iconógrafo instrumentaliza sua mediação da informação imagética amparado pelas teorias da CI, pois,

pela lente da Ciência da Informação, é possível escolher o que há de mais importante em termos informacionais como resultado da leitura de imagens; é possível selecionar o que há de mais importante no conteúdo, ainda que, para isto, seja necessário saber algo mais sobre o conjunto documental do qual faz parte a imagem (para ratificar informações), a instituição a que pertence e a política de seu acervo.

Outro elemento importante neste aspecto é o letramento visual, pois “[...] compreende a visualidade como prática social e apresenta algumas capacidades necessárias ao ato de ver, como codificar, compreender, criticar, analisar e interpretar as imagens” (LAMEIRÃO, 2019, p. 1). Destarte, é pertinente que o bibliotecário iconógrafo seja letrado visualmente, pois isso o permitirá atravessar a fronteira entre a comunicação verbal expressa

no texto e as informações que as imagens portam para complementar a construção do conhecimento.

Ainda sobre mediação, Farias (2015, p. 109) ressalta que ela “[...] ocorre no processo de interação do profissional com o usuário, no momento da comunicação”, o que Almeida Júnior (2008) determinou como sendo a mediação explícita. Quanto ao modelo da mediação implícita, o autor defende que esta ocorre essencialmente “[...] na seleção, na escolha dos materiais que farão parte do acervo da biblioteca, em todo o trabalho do processamento técnico, nas atividades de desenvolvimento de coleções e também no serviço de referência e informação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2008, p. 46).

Nesse sentido, verificamos, perante a atuação do bibliotecário inserido na iconografia editorial, que ambas as mediações ocorrem. Sendo o arquétipo da mediação implícita empregada na pesquisa iconográfica, onde o bibliotecário fará a busca e seleção de imagens que possam sanar a necessidade informacional apontada pelo editor, além da busca em fontes de informações que possam contemplar dados para complementar a linguagem multimodal característica das obras editoriais.

Quanto à mediação explícita, esta se manifesta por meio do diálogo entre o editor e o bibliotecário iconógrafo, que, muitas vezes, perpassa o comando da pesquisa inicial em busca de melhores sugestões iconográficas que possam representar imgeticamente o conhecimento, sendo, coerentes e fidedignas à linguagem textual onde serão aplicadas de acordo com a especificidade de cada obra. É nesse ato que são trocadas informações que guiam os passos para a mediação informacional.

Podemos observar, na Figura 3, que, na relação entre o bibliotecário iconógrafo e o editor, a mediação da informação imagética estabelece um elo desse repertório, configurando assim um trinômio que evidencia o protagonismo de ambos os personagens.

Figura 3 - Mediação da informação imagética na iconografia editorial



Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Mediante o exposto, enxergamos, na relação entre o bibliotecário iconógrafo e o editor, um retrato da mediação da informação imagética. Entendemos que a propriedade sobre a linguagem visual dará insumos para que o bibliotecário desenvolva o domínio acerca das fontes imagéticas, de modo que possa ofertar um leque de imagens não somente com o propósito de atender ao *briefing* solicitado pelo editor, mas de possibilitar à equipe editorial o acesso a outras perspectivas imagéticas da representação informacional.

O estudo de Sousa e Pinto (2022) aponta ainda que existem correlações entre as teorias e os conceitos estudados pela Biblioteconomia e as demandas laborais do campo da iconografia editorial. Em vista dessa aproximação entre os conhecimentos, emerge uma relação de simbiose que permite ações de interferência que contribuem diretamente para que ocorra a mediação. Portanto, compreendemos, a partir disso, que essa sinergia favorece a atuação do bibliotecário iconógrafo como mediador da informação imagética no mercado editorial e, com isso, aponta extensões que a mediação desse profissional pode alcançar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amplamente utilizada no ramo editorial, a linguagem imagética é, portanto, uma fonte de informação facilitadora de acesso ao conhecimento e objeto de estudo para a área da Biblioteconomia. Já pela ótica da mediação da informação, encontramos, no campo da iconografia editorial, um ambiente laboral propício à práxis bibliotecária no que tange aos processos desempenhados nas etapas do fazer iconográfico.

Ao analisarmos as trocas que ocorrem na relação entre o editor e o bibliotecário iconógrafo, percebemos haver um trinômio como base que fundamenta a mediação da informação imagética. A iconografia editorial, portanto, sinaliza aos bibliotecários um panorama hodierno para exercer seu papel de mediador para além de ambientes informacionais convencionais, enxergando essa dinâmica como mais um escopo de atuação.

Por fim, esperamos colaborar com a temática amplificando as pesquisas que visem investigar a atuação do bibliotecário iconógrafo em suas diversas nuances, assim como expandir o *hall* de estudos acerca da iconografia e da mediação da informação imagética para os campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-54.
- ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119328>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- ARAÚJO, C. A. Á. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014a. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pgc/article/view/19120/10827>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- ARAÚJO, C. A. Á. O que é Ciência da Informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 1, p. 1-30, jan./abr. 2014b. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15958/14205%3E>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A. D.; ALMEIRA JÚNIOR, O. F. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19995>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- BURKE, P. **Testemunha ocular**. Bauru: Edusc, 2004.
- CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CAPURRO.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- CARVALHO, Y. M. Do velho ao novo: a revisão de literatura como método de fazer ciência. **Revista Thema**, Pelotas, v. 16, n. 4, p. 913-928, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1328>. Acesso em: 16 set. 2023.
- FARIAS, M. G. G. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 106-125, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/101368>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- FARIAS, M. G. G.; LIMA, J. S.; SANTOS, F. E. P. Bibliotecário e editoração: mercado e competências necessárias. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 28, n. 2, 2018.

XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB
Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/38682>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ICONOGRAFIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/iconografia/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 12. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

LAMEIRÃO, T. D. Letramento visual e uso de imagens nas aulas de história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. **Anais [...]**, Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1553557067_ARQUIVO_LETRAMENTOVISUALEUSODEIMAGENSNASAUULASDEHISTORIA.pdf. Acesso em: 3 jul. 2023.

MACÍAS ALÉS, J. A leitura iconográfica. **Revista Tino**, La Habana, Cuba, 12 dez. 2019. Disponível em: <https://revista.jovenclub.cu/la-lectura-iconografica/>. Acesso em: 18 jun. 2023

MAIMONE, G. D.; TÁLAMO, M. F. G. M. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da ciência da informação. **DataGramaZero**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6242>. Acesso em: 24 jun. 2023.

MANINI, M. P. Acervos imagéticos e memória. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 97-115, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81407>. Acesso em: 5 jul. 2023.

MENESES, U. T. B. de. História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 243-262. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4380048/mod_resource/content/1/Novos%20Dom%C3%ADnios%20da%20Hist%C3%B3ria-%20Ronaldo%20Vainfas%20e%20Ciro%20Flamarion.pdf. Acesso em: 27 jun. 2023.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PIFANO, R. Q. História da arte como história das imagens: a iconologia de Erwin Panovisky. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 7, n. 3, p. 1-21, 10 dez. 2010. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/285#:~:text=A%20ICONOLOGIA%20DE%20ERWIN%20PANOFSKY&text=O%20m%C3%A9todo%20iconol%C3%B3gico%20realiza%20a,chama%20de%20E2%80%9Cs%C3%ADntese%20recriativa%E2%80%9D>. Acesso em: 25 jun. 2023

RIBEIRO, J. L. P. Revisão De Investigação e Evidência Científica. **Psicologia, Saúde & Doenças**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 671-682, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v15n3/v15n3a09.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

RIBEIRO, M. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Da mediação a apropriação da informação: um olhar para o usuário da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1825>. Acesso em: 25 jun. 2023.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307026613004>. Acesso em: 16 set. 2023

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTAELLA, L. Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem... **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba/SP, v. 3, n. 5, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2258>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SANTOS, A. C. A.; ALVES, E. C.; OLIVEIRA, H. P. C. O conceito de informação imagética na ciência da informação: aproximações teórico-conceituais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 39-65, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/83075/52547>. Acesso em: 26 jun. 2023.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 451-472, ago. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 jun. 2023.

SOUSA, K. G.; PINTO, V. B. A iconografia editorial como nicho mercadológico para o bibliotecário. **Páginas A&B**, Arquivos e Bibliotecas (Portugal), n. 17, p. 131-146, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/199685>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SOUZA, S. dos S. **O livro didático e as influências ideológicas das imagens**: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural. 2014. 188 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/91>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SOUZA, S. dos S.; TRINCHÃO, G. M. C. Educação e desenho: a importância da compreensão da iconografia e da iconologia na análise do livro didático. **InterSciencePlace – Revista científica internacional**, ed. 26, v. 1, a. 07, p. 132-146, jul./set. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/78782264/Educa%C3%A7%C3%A3o_e_Desenho_A_Import%C3%A2ncia_Da_Compreens%C3%A3o_Da_Iconografia_e_Da_Iconologia_Na_An%C3%A1lise_D_o_Livro_Did%C3%A1tico. Acesso em: 15 jun. 2023.